

# Nova alternativa oral para pacientes diabéticos

Medicamento apresentou resultados bastante eficazes no controle dos níveis de açúcar no sangue e ainda ajudou no emagrecimento. Os dados foram apresentados no Congresso da Associação Americana de Diabéticos e publicados na *The Lancet*

» ISABELLA ALMEIDA

Um novo medicamento oral para diabetes tipo 2 apresentou resultados promissores ao ajudar pacientes a controlar os níveis de açúcar no sangue e perder peso. Os dados foram apresentados ontem, durante o último dia do congresso de 2026, da Associação Americana de Diabetes (ADA), em Nova Orleans, pela pesquisadora Vanita Aroda, cientista do Hospital Mass General Brigham, nos Estados Unidos, e publicados simultaneamente na revista científica *The Lancet*.

O estudo, chamado Solstice, avaliou a elegliprona, um medicamento da classe dos agonistas do receptor de GLP-1. Essa categoria de tratamento ganhou destaque nos últimos anos por ajudar tanto no controle da glicose quanto na redução do peso. Os resultados do ensaio mostraram que o medicamento foi capaz de reduzir significativamente os níveis de açúcar no sangue e promover perda de gordura em pessoas com diabetes tipo 2.

“As conclusões do nosso estudo reforçam o crescente potencial dos agonistas orais do receptor de GLP-1 para pessoas com diabetes tipo 2”, afirmou Aroda. Segundo a pesquisadora, embora já existam tratamentos eficazes dessa classe, a forma de aplicação e os cuidados específicos podem atrapalhar o uso. “Ensaio clínico rigoroso como o Solstice podem nos ajudar a avaliar medicamentos orais que podem ser igualmente eficazes para pacientes, superando essas limitações”, explicou.

Atualmente, a maioria dos medicamentos à base de GLP-1 é aplicada por meio de injeções. Há também opções em comprimidos, como a semaglutida, mas seu uso exige que o paciente tome o medicamento em jejum e espere pelo menos 30 minutos antes de comer ou beber qualquer coisa. Nesse meio, a elegliprona surge como mais uma alternativa oral que pode facilitar a adesão ao tratamento.

O estudo foi realizado em nove países e contou com a participação de 406 pessoas com diabetes tipo 2. Os voluntários receberam diferentes doses do medicamento ao longo de 26 semanas para que os pesquisadores pudessem avaliar sua eficácia e segurança.

Ao final do período, os resultados mostraram que até 89,6% dos participantes que usaram a elegliprona atingiram a meta recomendada de controle da glicemia, medida pelo exame HbA1c. Entre aqueles que receberam placebo, esse índice foi de 24,9%. Além disso, até 72,3% dos pacientes tratados perderam pelo menos 5% do peso corporal, enquanto no grupo placebo apenas 20,2% dos voluntários emagreceram.

## Mais adesão

Conforme Jamilly Drago, endocrinologista da clínica Metasense, em Brasília, a medicação oral em relação à injetável tem algumas vantagens, como para pacientes com medo de agulha. “A preferência do

Imagem de freepik



Os 460 voluntários de nove países receberam diferentes doses orais do medicamento ao longo de 26 semanas

## Palavra de especialista

### Ampliação do tratamento

*O desenvolvimento de agonistas orais de GLP-1 representa uma evolução importante no tratamento do diabetes tipo 2. Nos últimos anos, essa classe terapêutica transformou o manejo da doença por atuar não apenas no controle da glicemia, mas também no peso corporal e no risco cardiometabólico. A possibilidade de ampliar esses benefícios por meio de uma formulação oral pode aumentar o acesso ao tratamento e permitir uma abordagem mais individualizada para diferentes perfis de pacientes. A inovação não está apenas na molécula,*

*mas na possibilidade de levar abordagens eficazes a um número maior de pessoas. No entanto, embora os resultados sejam promissores, ainda precisamos de estudos maiores e de acompanhamento mais prolongado para confirmar a segurança e a eficácia do medicamento. Também será importante avaliar seus efeitos sobre desfechos cardiovasculares e renais, além de entender como ele se comporta na prática clínica, fora do ambiente controlado dos ensaios. Questões como custo, acesso e posicionamento em relação às terapias já disponíveis também precisarão ser definidas.*

**Isabela Carballal**, endocrinologista do Hospital Brasília Águas Claras, da Rede Américas

paciente é o que vai moldar a nossa escolha daqui para frente. É como se estivéssemos oferecendo um leque de opções, e ele pode optar pelo tratamento que considera melhor para si. A adesão na prática clínica é nosso maior objetivo.”

Para Paula Fábrega, endocrinologista do Sírrio-Libanês, em Brasília, a elegliprona pode representar uma alternativa

interessante para pessoas que apresentam resistência ao uso de injetáveis ou que têm problemas em manter os cuidados por conta da complexidade de algumas formulações orais atualmente disponíveis. “Na prática clínica, não é raro encontramos quem adia ou recusa terapias eficazes devido ao receio de aplicações subcutâneas. Além disso, pacientes que enfrentam

difficultades para seguir as orientações rigorosas da semaglutida em comprimido também podem se beneficiar de uma opção com administração mais simples. Dessa forma, a elegliprona tem potencial para ampliar o acesso a tratamentos eficazes tanto para controle glicêmico quanto para redução de peso.”

Durante o trabalho, os pesquisadores também observaram que os efeitos colaterais e o perfil de segurança foram semelhantes aos registrados em outros medicamentos da mesma classe já utilizados no tratamento do diabetes e da obesidade.

Aroda também lidera outro estudo importante, chamado Reimagine 1, que avaliou uma combinação de medicamentos conhecida como CagriSema, uma nova terapia combinada que une o agonista do receptor de amilina cagrilintida com a forma injetável de semaglutida. Os resultados, também apresentados durante o encontro da ADA, mostraram que até 87% dos participantes conseguiram atingir a meta recomendada de controle da glicemia.

“O objetivo central de cada um dos nossos ensaios clínicos é melhorar os resultados para os pacientes”, destacou a pesquisadora. Para ela, os estudos reforçam a importância de desenvolver novas opções de tratamento que sejam eficazes, seguras e mais fáceis de usar, ajudando a melhorar a qualidade de vida das pessoas que convivem com o diabetes.

## Opção para perda de peso saudável

Dados apresentados durante a ADA 2026 e publicados nas revistas *The New England Journal of Medicine* e *Nature Medicine* reforçam o potencial do survodutida, um medicamento experimental utilizado no tratamento da obesidade e de alterações metabólicas associadas. Os resultados detalhados dos estudos de Fase III Synchronize-1 e Synchronize-MASLD indicam que a terapia foi capaz de promover redução significativa da gordura visceral e hepática, além de preservar massa magra durante a perda de peso.

No estudo Synchronize-1, que acompanhou adultos com obesidade ou sobrepeso sem diabetes tipo 2 por 76 semanas, a survodutida já havia demonstrado uma perda média de peso de 16,6%. Agora, uma análise de participantes submetidos à ressonância magnética mostrou resultados adicionais relevantes para a saúde metabólica.

Segundo os dados apresentados no congresso, os pacientes tratados com a maior dose de survodutida registraram redução média de 34% da gordura visceral, considerada um dos principais fatores de risco para doenças cardiometabólicas. A análise também revelou que apenas 10,8% da perda total de tecido corporal correspondeu à massa magra, sugerindo preservação muscular durante o emagrecimento.

Outro destaque foi a redução de 63,1% da gordura hepática em relação aos níveis basais após 76 semanas de tratamento. O achado reforça o potencial da molécula para atuar sobre alterações metabólicas frequentemente associadas à obesidade, incluindo o acúmulo excessivo de gordura no fígado.

Gabriel Fagundes, diretor médico da Boehringer Ingelheim, destaca que, para pessoas que vivem com obesidade, ficou claro no ADA 2026 que a discussão precisa ir além da balança, pois a perda de peso não captura toda a complexidade da condição. “Os dados do ADA 2026 com a survodutida reforçam esse entendimento ao mostrarem o potencial da molécula em atuar sobre diferentes componentes da obesidade, papel protetor da perda de massa magra com uma perda preferencial de gordura visceral — associada a maior risco cardiovascular e da saúde metabólica — incluindo desfechos como pressão arterial e diabetes, dentro do programa Synchronize.”

Os resultados foram complementados pelos dados do estudo Synchronize-MASLD, que avaliou adultos com obesidade ou sobrepeso e doença hepática esteatótica associada à disfunção metabólica. Após 48 semanas, cerca de 61% dos participantes tratados com survodutida alcançaram normalização da gordura hepática, em comparação com 5,7% dos pacientes que receberam placebo. (IA)

## ALIMENTAÇÃO

# Qualidade importa mais do que quantidade

Consumir cinco porções diárias de frutas e hortaliças continua sendo uma das principais recomendações para uma dieta equilibrada. No entanto, uma nova pesquisa internacional, conduzida por cientistas da Inglaterra e dos Estados Unidos, indica que a seleção desses alimentos pode ter impacto ainda mais relevante na prevenção de doenças cardiovasculares do que o volume ingerido.

O trabalho revelou que a maioria da população não consome níveis adequados de flavonoides, compostos bioativos associados à redução do risco de problemas cardíacos, mesmo entre aqueles que seguem as orientações tradicionais de consumo de vegetais e frutas. Publicado ontem na revista *Food & Function*, o levantamento acompanhou mais de 30 mil participantes dos Estados Unidos e do Reino Unido. Os pesquisadores utilizaram biomarcadores para avaliar a ingestão real desses nutrientes e sua relação com a saúde cardiovascular.

De acordo com o autor principal do estudo, o pesquisador Javier Ottaviani, os benefícios dos flavonoides dependem diretamente do volume ingerido. “A maioria das pessoas presume que comer muitas frutas e vegetais já resolve isso, mas o que esta pesquisa demonstra é que as escolhas específicas que você faz importam muito mais do que a quantidade total. Incluir um punhado de amoras, uma maçã inteira ou tomar uma xícara de chá verde junto com a refeição pode fazer uma grande diferença no que é absorvido.”

Entre os alimentos analisados, ficaram em destaque cranberries, amoras, favas e cerejas. O chá verde também aparece como uma das principais fontes naturais da substância. A combinação desses produtos ao longo do dia pode elevar significativamente a ingestão de flavonoides e contribuir para melhores indicadores de saúde cardiovascular.

Magnific



Cerejas, amoras e cranberries são ótimas fontes de flavonoides: ação preventiva

## Grandes benefícios

Os dados apontam que uma porção de aproximadamente 500 gramas de

ameixas fornece cerca de 450 miligramas de flavonoides. Já as cranberries entregam em torno de 300mg do composto a de 250g consumidos. As amoras alcançam aproximadamente 250mg

por 200g, enquanto uma xícara de chá verde contém cerca de 200mg. As favas apresentam 140mg por porção e as cerejas somam 130mg.

Outras boas fontes de flavonoides são as maçãs consumidas com casca, morangos, mirtilos e feijão carioca. Embora apresentem quantidades menores, esses alimentos também contribuem para elevar a ingestão total ao longo do dia.

Para os autores, as conclusões levantam um debate sobre possíveis atualizações nas recomendações nutricionais atuais. O professor Gunter Kuhnle, da Universidade de Reading, afirma que a orientação de consumir cinco porções diárias permanece válida, mas destaca que diferentes alimentos oferecem perfis nutricionais bastante distintos.

“Talvez precisemos pensar com mais cuidado sobre quais cinco. Diferentes frutas e vegetais oferecem benefícios nutricionais muito distintos, além de vitaminas e minerais, e à medida que nossa compreensão desses compostos aumenta, surge uma oportunidade real de tornar as orientações dietéticas mais específicas e eficazes. Esta pesquisa é um passo em direção à compreensão de como isso poderia se traduzir na prática.”